

A resenha se refere à tese de doutorado desenvolvida na UNESP – Campus de São José do Rio Preto – também vinculada à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul como projeto de pesquisa. A tese estuda a representação do sujeito no livro *Catatau*, primeiro livro do escritor curitibano Paulo Leminski, enquanto instância ficcional produzida nas relações de produção, circulação e recepção da obra, considerando suas dimensões éticas, estéticas e políticas. O livro de Leminski, objeto da tese, elabora a fabulação da vinda de René Descartes ao Brasil da invasão holandesa no Recife, no século XVII, e é considerado pela maior parte de sua recepção crítica como tributário do experimentalismo de vanguarda no Brasil e do concretismo. Este estudo, entretanto, aborda a relação de produção do sujeito como trânsito de tensões históricas vividas pela sociedade nos anos 60 e 70 do século XX, momento definitivo de esgotamento do projeto das vanguardas, do projeto utópico do alto modernismo e do questionamento da primazia da técnica como fundamento da arte. Explorando as ambivalências, o sujeito no *Catatau* é representado numa textualidade fragmentária, também ambivalente, entre a propensão autônoma do signo e a referencialidade, entre uma prática cartesiana de linguagem e a crítica ao cartesianismo, entre o projeto da vanguarda concretista e a busca de uma literatura nova, em aberto, que superasse a tradição poética da qual era tributário.

A tese, em sua expressão geral, procura definir os princípios organizadores da obra de Leminski, deslocando-a significativamente de sua posição usual na historiografia literária brasileira. Afirma que a obra caminha entre a tradição literária e sua ruína, em que o sujeito ali figurado ao mesmo tempo é dissimulado e afirmado. Dissimula-se, pois, na fragmentação da linguagem, nas múltiplas vozes parodiadas, no discurso da irracionalidade e na criação de interdito, fazendo com que a manutenção sub-reptícia de sua soberania aponte para a dimensão de um texto com ênfase na metalinguagem. Afirma-se soberano, noutra dimensão - evidenciando a presença da figura pública do poeta como uma das vozes do texto -, no exercício da metalinguagem, na corrosão paródica e na negatividade com que canibaliza os discursos sociais, como o discurso filosófico, os provérbios populares e o discurso histórico, deixando assim entrever uma referencialidade que se deixa atravessar pelas tensões políticas de dois períodos históricos: o século XVII da invasão holandesa e no século XX os anos 60 e 70 da ditadura militar brasileira. Nos dois tempos históricos, abordados espacial e simultaneamente, o livro questiona a razão ocidental imposta aos trópicos, bem como questiona o mito da tropicalidade como construtor da identidade nacional. Assim, no *Catatau*, temos na saturação paródica do projeto concretista a exploração de um experimentalismo que se funda nas ambigüidades e com isso tenta abrir uma perspectiva para sua posteridade literária.

Investigou-se no trabalho, com efeito, a produção do sujeito como instância hipotética retórico-discursiva que se faz no diálogo entre a personagem central Renato Cartesius², o sujeito empírico Leminski, e as ressonâncias ficcionais que o ato de leitura estabelece na relação com elementos subjetivos da realidade histórica. Considerada por muitos uma obra absolutamente “formal”, autônoma ou intransitiva, *Catatau*, em suas diversas possibilidades de interpretação e montagem de sentidos, também acolhe em sua trama os fios da história do sujeito de seu tempo, que se localiza na transição das décadas 60 e 70 do século XX. A obra, entretanto, segundo a pesquisa, não é reflexo de sua realidade histórica, mas potencializa em sua textualidade figurações e tensões relevantes de seu presente, marcando a crise e a transição que vai do esgotamento e desaparecimento dos grandes paradigmas de afirmação humana, para uma era das incertezas, em que os projetos se abrem para um futuro onde as fronteiras se interpenetram.

A tese aposta no aprofundamento das ambivalências do *Catatau*, que dialoga com a crise do sujeito moderno, e figura, sempre de forma fragmentada e sub-reptícia, as tensões e expectativas de uma ampla comunidade brasileira, que vivia neste período, além desta crise do sujeito, um período de exclusão, violência, censura e conservadorismo moral capitaneado por uma ditadura militar, que teve início em 1964. Na pesquisa, fica evidenciada que a obra simplesmente não capta somente os grandes temas ou condicionantes inelutáveis de seu tempo, pois tais condicionantes na verdade nunca definem

¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Nova Andradina

² Renato Cartesius, como figura paródica de Descartes, aparece no *Catatau* carregando uma luneta e um cachimbo, que indicam, em linhas gerais, respectivamente, racionalidade e loucura.

nem circunscrevem a obra, senão marcam apenas o jogo de forças em que se coloca sua empreitada reprodutiva, construtiva e inventiva. Na verdade o que lemos no *Catatau* registra de forma inventiva uma micropolítica do sujeito e de seu modo de ser, pensar e agir em determinado tempo, mas uma micropolítica entrecortada a todo o momento por uma textualidade fragmentária, fruto da impossibilidade de tratar o real em sua totalidade, senão a partir de elementos dispersos e subjetivados em reações e respostas não finalizadas. Ali estão os traços das expectativas, contradições, lutas, sonhos e práticas de uma geração em sua travessia história, evidenciadas pelas múltiplas discussões, motivos e modos comunicativos entrecortados na fragmentação do livro.

Neste sentido, podemos entender que Paulo Leminski está, entre os anos de 1966 e 1975, período de composição da obra - sem que tivesse meios de sair do impasse - entre a prática literária vanguardista - com todos os seus projetos estético-políticos, sua dimensão utópica, sua crença no progresso através da técnica e da tecnologia - e, de outro lado, buscando a redefinição das relações entre arte e política, imposta pelo esgotamento tanto do projeto das vanguardas artísticas quanto das utopias políticas revolucionárias. As vanguardas, que estavam como pano de fundo da sua ligação com o concretismo, se esterilizaram em seu ritual narcísico e autotélico, em sua adequação à reprodutibilidade técnica, em seu maquinismo racionalista que impunha em suas obras a exigência da adequação ao progresso. As utopias políticas, além das cisões ideológicas, também se fragmentavam em lutas, buscando a capacidade perdida de compreender o sujeito em sua nova condição de produção e conhecimento, além de estar finalizando sonhos de uma revolução autoritária, enquanto o País era submetido a uma pesada força ditatorial que lhe impunha silêncio, dispersão, exílio e morte.

Estas ambivalências, segundo a tese, fazem parte da constituição da obra, colocando no interior de sua lógica e de suas ressonâncias a inscrição de uma linguagem portadora de problematizações importantes para o indivíduo naquele momento, pois no *Catatau* estão os discursos sociais, acadêmicos, filosóficos, a fala das ruas e os provérbios populares e toda uma lógica pensante da “Grande Máquina” da modernidade sendo corroída por um processo paródico que não poupa nem a instância do texto, nem a sua constituição estética e política, nem o sujeito ali representado.

Assim, a obra comporta um sujeito tenso entre as grandes utopias da arte e a força de individualização imposta pela sensação de esvaziamento dos projetos coletivos; também figura um sujeito tenso entre a estética concretista - herdeira das vanguardas em sua proposta de investimento na materialidade do signo -, e os movimentos culturais de seu tempo, como o tropicalismo, a literatura marginal e a contracultura, que traziam uma linguagem comunicativa, próxima da oralidade e da poesia da canção, da fala da juventude daquele tempo e as gírias, motivos, referenciais culturais e políticos em debate pela geração 68, como o zen, o movimento *hippie*, a questão das drogas e o espírito iconoclasta dos movimentos libertários. Destas misturas, somadas ao grau de experimentalismo do projeto, teríamos um livro que não participa exatamente de nenhuma proposta estética anterior, e que tomava tais ambigüidades como possibilidade de intensificar sua textualidade e apontar para seu futuro. No plano formal, a escrita paronomástica do concretismo seria levada à exaustão, no ponto em que a saturação de certos procedimentos, aliada ao experimentalismo e conduzida pela paródia, serviria como grau de abertura para o vôo de uma escrita flutuante. Destas tensões podemos encontrar um sujeito textual que ora se afirma em sua soberania e posicionamento, ora se retrai ou se dissimula, ficando, por assim dizer, submerso no texto, mas que, sobretudo, luta para transitar sua subjetividade de uma crença na razão cartesiana para a aceitação do delírio, da abertura e da quebra das unidades de sentido. É um sujeito ansioso pelo que lhe vai acontecer, na expectativa iminente de uma violência, que fala silenciando-se, sorratamente, dissimulando sua presença e desmarcando seu lugar, sua voz e sua identidade, considerando para tanto uma correlação com os espaços sociais. Também é um sujeito que se faz no diálogo com a figura pública de Leminski, que ali está presente com suas posições críticas no âmbito do discurso da metalinguagem do livro.

O leitor vai encontrar no momento inicial da pesquisa, portanto, um estudo sobre a recepção crítica da obra, que ressalta primeiramente as abordagens formais e, posteriormente, as abordagens conceituais, culturais, históricas e políticas, que existem em número muito reduzido na crítica do livro. Temos as informações de que o *Catatau* é obra que teve uma abordagem inicialmente muito marcada pelas interpretações do próprio Leminski e de seu grupo de amigos poetas, que conduziram a interpretação para o campo formalista de análise. Desta forma, num primeiro momento, a pesquisa aborda as concepções poéticas e teóricas do autor, tanto nos textos críticos, quanto na dimensão metalingüística da obra, que contém uma “teoria poética” com valores e posições estéticas muito próximas das posições críticas ou pessoais do autor. Entre estes textos, com especial atenção, ficam destacados os artigos *Descordenadas artesianas* e *Quinze pontos nos iis*, escritos pelo autor e que vieram à tona como anexos da edição de 1989, algo bastante significativo, já que são textos auto-explicativos que conduzem a leitura da obra segundo a visão de Leminski. O estudo da fortuna crítica fica relacionado às posições do poeta

“dentro” e “fora” do livro, de modo a mostrar a aproximação teórica entre estes três discursos: a do crítico-poeta – presente em seus textos “teóricos” -, a do poeta-crítico – presente na dimensão metalingüística do *Catatau* -, e o discurso da crítica propriamente dita, considerando, entre eles, os diversos textos publicados por outros autores que também acompanham as posições do autor na edição de 1989, bem como na edição de 2004. Na última parte do primeiro capítulo, a tese focaliza as abordagens conceituais e políticas da obra, que distanciam o livro do projeto concretista, sugerindo o contato da linguagem do *Catatau* com a oralidade popular, o tropicalismo e a contracultura, enquanto ficam ressaltadas as tensões históricas presentes no texto do *Catatau*, ainda que sejam referenciais não explicitados pelo discurso crítico do autor.

Posteriormente, o estudo se detém nos modos retórico-discursivos que provocam a retração e a dissimulação do sujeito na obra. Dentre os procedimentos possíveis a serem estudados escolheu-se quatro. Primeiramente, a fragmentação da linguagem, por ser um procedimento, segundo a pesquisa, que desmonta e multiplica a voz do sujeito, o que faz com que uma possível leitura semântica aconteça considerando a espacialidade do texto, numa lógica correlacional e não determinística, que deverá ser somada à alta potencialidade sonora e plástica dos signos. Neste sentido, o leitor acaba por conhecer os procedimentos estilísticos que constroem a fragmentariedade da obra, como a colagem e a montagem, além do estudo de como esta fragmentariedade se relaciona com a produção ficcional do período, levando em conta a crise do sujeito e de sua representação, num tempo em que a imagem fixa do indivíduo e de sua totalidade histórica se desvanecem, as divisões entre nacional e estrangeiro se perdem e a realidade objetiva violenta exige mais que uma representação ficcional linear dos fatos.

O segundo momento estudado, em que a imagem do sujeito se retrai, está no estudo do processo paródico do livro, que tem na obra a potencialidade de assumir uma dupla função: posicionamento e dissimulação do sujeito. A paródia foi abordada enquanto um processo que desmonta a unidade do sujeito, abrindo sua identidade em muitas vozes, isto é, abrindo a voz de Cartesius à penetração de diversos discursos sociais, populares, acadêmicos, culturais, numa algaravia de “eus” que se espalham pelo texto. Na seqüência, junto com este procedimento retórico de dissimulação do “eu” de Cartesius e de intervenção em sua voz pelos discursos agenciados, foi abordado o discurso da irracionalidade presente no livro, como contraposição à razão cartesiana. No livro, neste sentido, as razões para o desvario de Cartesius são o calor e a inadaptação da “razão ocidental” ao clima tropical, a erva alucinógena que a personagem fuma e carrega em seu cachimbo e as vozes intermitentes que invadem seus pensamentos, fazendo com que o narrado seja um misto entre o que a personagem “vive”, e o que pensar “viver”, já que tudo o que se passa pode ser fruto de uma artificialidade inaugurada pelas palavras e pela loucura tropical. Na cultura, este irracionalismo está relacionado a uma forma de crítica da razão técnica e instrumental da sociedade, e será relacionado ao universo da contracultura, donde Leminski trás informações que irão realizar a crítica do indivíduo em seu cotidiano pueril, bem como dos grandes valores éticos, estéticos, políticos e morais que fornecem base para este sujeito entregue à razão ocidental. Junto com a reflexão do uso da erva alucinógena, como elemento da contracultura presente no livro, temos o estudo de como as temáticas do ilícito interferem no discurso desde a composição até a circulação, intensificando o processo de retração e dissimulação do sujeito, considerando o atrito desde tipo de discurso com a moralidade social e a política conservadora do regime ditatorial.

Neste momento, a pesquisa nos leva a refletir que as ambivalências do sujeito indicarão um movimento contrário ao da retração, isto é, indicarão aspectos da linguagem que mantém de forma sub-reptícia a soberania do sujeito, em dois grandes momentos: a) quando, no exercício da metalinguagem, o discurso da persona pública Leminski coincide com o discurso do sujeito textual Cartesius, e aqui, como conseqüência, o processo paródico tende a se atenuar em prol da valorização da autoridade do discurso concretista presente no livro. O “discurso concretista”, neste sentido, considerando um plano de análise da ordem do discurso, ao contrário dos outros âmbitos discursivos é, de certa forma, preservado pela corrosão paródica. Noutra momento, a soberania do sujeito foi abordada no processo de negatividade com que agencia os discursos sociais. Esta negatividade, enquanto crítica filosófica, moral, cultural e dos provérbios populares, irá, num movimento paradoxal, marcar e evidenciar a posição do sujeito textual, fazendo com que aconteça um jogo entre as opiniões da figura pública do poeta e o sujeito textual. Assim, dentre os aspectos possíveis, considera-se três discursos agenciados quanto à negatividade. Foi abordada, primeiramente, a relação de sobreposição e confronto entre a filosofia e a literatura, marcadamente nas relações em que a personagem Cartesius atravessa a filosofia de Descartes com seu pensamento paródico. Em seguida o estudo se detém, levando em conta um duplo movimento provocado pela paródia, não na possibilidade de *dispersão* da voz, mas na *reunião* da voz em sua a visada corrosiva, crítica, que se realiza enquanto se contrapõe aos discursos agenciados, fazendo com que esta ação mantenha correlações com certa unidade crítica do discurso geral do texto, possibilitando o movimento tensivo do sujeito entre sua soberania e sua dissimulação. Entre dissimulação e soberania, depreende-se que há uma lógica da

ambivalência (contrária à razão cartesiana), em que as dimensões aparentemente contraditórias convivem entre si, dando movimento ao texto, e que, neste caso, só existe soberania à medida que o sujeito nega sua própria constituição e enquanto incorpora sua ambivalência.

Na última parte da reflexão a ação negativa incide sobre o discurso da história, recompondo-o rumo a uma “totalidade fragmentada”. Neste momento foi possível considerar a relação de *Catatau* com as características do que Antonio Esteves chama de “novo romance histórico” brasileiro e latino-americano, já que o autor compreende o *Catatau* como um dos pioneiros no Brasil neste tipo de romance, que trata a história brasileira e elementos da identidade nacional a partir da radical fragmentação, sintonizando o livro com uma prática literária latino-americana.

A seguir, na tese foram abordadas as tensões do sujeito com atenção especial a três aspectos da obra, que intensificam seu caráter aparentemente contraditório, mas que na verdade convivem no interior da lógica ambivalente do *Catatau* e de seu momento estético e político.

Primeiramente, estuda-se o choque entre *o discurso e o exercício da autonomia do signo literário* e a *referencialidade* (fragmentada) a temas políticos, sociais e históricos, que compõe a obra quanto puxamos os fios temáticos dispostos na espacialidade da leitura. O segundo aspecto das tensões se refere ao choque entre o elogio da loucura, do desvario e o *discurso contra a “razão ocidental”*, que tem na figura de Descartes seu representante no livro, convivendo com o *cartesismo/racionalismo estético da linguagem*, que tem na figura da máquina uma articulação de sentido, isto é, num platô a verticalidade concretista dos signos, a redundância, os aspectos de racionalização da linguagem do concretismo, noutro, a disponibilidade horizontal da linguagem, a verbosidade, o uso do registro oral e elementos tropicalistas e contraculturais.

O terceiro aspecto das tensões abordadas reside no confronto entre o *caráter fragmentário e dispersivo da obra*, que simula a degradação de um mundo e da linguagem, e a *concepção formalista/oriental do literário*, que leva à defesa da unidade sónica e essencialista do poético. Um poético, neste caso, imposto ao *Catatau* – um “romance-ideia” – como critério de valor e instauração de análise.

Destas tensões e ambivalências, portanto, o trabalho parte para a análise das dimensões ética, estética e política do *Catatau*, atento à relação de produção subjetiva da obra, bem como da consciência histórica presente no contexto do livro, que tem como horizonte os impasses do modernismo e a exaustão do projeto das vanguardas, a problemática que a técnica e as novas tecnologias impuseram à produção material e às transformações da arte e os aspectos políticos implicados na esfera repressiva que contextualiza o livro. Também como pano de fundo das ambivalências a crise do sujeito moderno e de suas verdades seguras nos anos 60 e 70, a necessidade de resposta para a exaustão de projetos literários – ainda que na ausência de projetos coletivos –, a crítica do esgotamento de uma razão instrumental e cartesiana presente nos modos de produção e subjetivação majoritários. O estudo, então, parte para a análise da produção subjetiva criada no livro, em contraponto à produção subjetiva social, de forma a compreender na relação as gestualizações políticas da escrita do livro.

Finalizando, o destaque de traços da obra – realizada por uma leitura correlativa e espacial do texto – de onde se pôde extrair da fragmentariedade os fios discursivos em torno de um agenciamento semântico, destacando os elementos diretamente referenciais ao momento político repressivo da ditadura militar iniciada em 1964, como exemplo de que além da autonomia do signo – evidentemente uma forte característica da produção textual da obra – há no livro o apanhar dos fluxos nervosos que constituem as contradições inerentes ao seu tempo de produção.

A pesquisa, portanto, pretende evidenciar, na análise estético-política do *Catatau*, uma outra face da obra, retirando-a da linha narcísica que a circunscreve na metalinguagem e na experiência esgotada do concretismo e a entendendo-a como um texto em que há o trânsito de questões importantes para o sujeito de seu tempo. Com efeito, esta abordagem da obra fora dos limites da concepção formalista, pretende entender que o *Catatau* não é uma obra isolada no contexto da produção literária de Leminski, como se houvesse uma primeira parte concretista do autor – o *Catatau* – e, posteriormente, uma poética livre. Pelo contrário, o estudo salienta que ali, me sua primeira obra lançada, já estão em gestação as linhas reflexivas básicas que o poeta iria desenvolver posteriormente em sua poética, como a poesia de pensamento, o trocadilho de idéias, as “sacadas” poético-existenciais, o jogo com a oralidade, com as gírias de sua geração, elementos culturais e lingüísticos da contracultura e, notadamente, a exploração das aporias, paradoxos e ambivalências constantes do sujeito e da poesia do autor de *Caprichos e Relaxos*. Aporias em movimento que já se anunciavam no *Catatau* nas tensões de Cartesius, que se textualiza e inaugura na linguagem um mundo entre a luneta e o cachimbo.